

# Editorial

ANNABELA RITA

CLEPUL, FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA<sup>1</sup>

TANIA MARTUSCELLI

UNIVERSIDADE DO COLORADO EM BOULDER<sup>2</sup>

O presente número da *e-Letras com Vida* traz como **dossiê temático** o fascinante estudo (sobretudo em tempos de pandemia) sobre saúde e assistência em Portugal, desde a Idade Média ao século XX. Os historiadores Joana Balsa de Pinho e Paulo Drumond Braga foram responsáveis pela seleção de seis ensaios: o primeiro texto de Paulo Drumond Braga trata da ação caritativa e assistencial das primeiras rainhas consortes portuguesas, entre o século XII e meados do século XV; segundo, assinado por Alice Borges Gago, é um estudo de arquivo sobre a família Magalhães em Ponte da Barca no século XVI e seu legado de assistência a pobres e peregrinos; seguindo a linha do tempo, o trabalho de Francisco José Pegacha Pardo é dedicado ao programa de esmolas da Régia Confraria de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa no século XVII, que auxiliava viúvas e órfãos, sobretudo, ao passo que Milene Alves estuda o trabalho desenvolvido pela Misericórdia de Lisboa com jovens, entre 1777 e 1812; Maria de Fátima Reis demonstra, com relatórios da maternidade do Hospital de São José, da viragem do século XIX ao XX, assinados pelo célebre médico Alfredo da

---

<sup>1</sup> ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1541-3006>.

<sup>2</sup> ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-7468>.

Costa, o estado deficiente da enfermagem bem como a debilidade física das parturientes; ainda com relação à infraestrutura hospitalar, o artigo de Renato Pistola analisa a evolução da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa do século XVIII ao XX, de modo a sublinhar sua dificuldade de adaptação às transformações ocorridas no campo da prestação de cuidados de saúde. Importa referir que este dossiê está integrado nas atividades do projeto dirigido por Joana Balsa de Pinho, *Hospitalis – Arquitetura hospitalar em Portugal nos alvares da Modernidade: Identificação, caracterização e contextualização*, que tem apoio financeiro da FCT.

Na secção de **Artigos Multitemáticos**, quatro textos se nos oferecem: Maria Teresa Amado traz-nos Rui Chafes numa reflexão sobre o papel transformador da arte e dos artistas, hoje e no futuro ( «A Arte como desenvolvimento espiritual: a linguagem abstrata de Rui Chafes»), Marcela Magalhães de Paula e Lorena da Silva Rodrigues abordam a problemática da diversidade linguística e das relações entre o português e as línguas do antigo império ( «A língua portuguesa e a identidade do assimilado em Angola: Algumas leituras a partir do conto “Mestre Tamoda”, de Uanhenga Xitu»), Marcelo Bortoloti perscruta a «chave política» de Carlos Drummond de Andrade na sua poesia até ao final da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial ( «Drummond e o neorrealismo português: Confluências de uma literatura engajada») e José Ailson Lemos de Souza assinala «Problemas de gênero no romance: Representação e resistência em *Um quarto com vista*, de E. M. Forster».

Na **Entrevista**, Jean Lauand responde a João Relvão Caetano, esclarecendo, na sua opinião, as relações entre linguagem e antropologia filosófica.

As **Leituras Críticas** trazem-nos três obras de 2020: na poesia, *Estado de emergência*, de Ângela Almeida e Henrique Levy, «O livro do antivírus», segundo Miguel Real; no ensaio, *Globalização como problema – Temas de estudos globais*, de José Eduardo Franco e João Relvão Caetano, da Coleção de Estudos Globais, dirigida pelos professores Guilherme d'Oliveira Martins, João Relvão Caetano e José Eduardo Franco, com a prestigante chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra, na perspectiva de Paulo Ferreira da Cunha; e, na «biografia» o volumoso *De quase nada a quase rei – Biografia de Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal*, de Pedro Sena-Lino, observado por José Eduardo Franco e Ricardo Ventura, dois grandes estudiosos dessa polémica figura histórica.

Eis, pois, um número diversificado que compagina o passado e a atualidade com alguma prospectiva, fazendo jus à redefinição do subtítulo desta revista: *Revista de Estudos Globais – Humanidades, Ciências e Artes*. Com esta redefinição, pretende-se alargar o âmbito da revista, tornando-a mais interdisciplinar, e dotando-a, a partir do diálogo estreito com as diferentes áreas do saber, de novas abordagens enquadradas na área emergente dos Estudos Globais – dando corpo à parceria com a Cátedra de Estudos Globais e com o Doutoramento em Estudos Globais, da Universidade Aberta. Assim se inicia um caminho, que promete ser longo e nunca solitário.

Que seja uma leitura sedutora!